

Em louvor do Mestre

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA*

RESUMO

Esta comunicação tem por objectivo a exaltação do Doutor Leite de Vasconcelos como “Mestre”, superlativo de professor, nas mais diversas áreas do saber. Em todas se menciona o nome dos discípulos do Mestre, que mais se distinguiram na continuidade do saber iniciado pelo Doutor Leite.

Para além dos imensos conhecimentos de que deu provas em Portugal e no estrangeiro, o Doutor Leite era promissor de carácter humano excepcional. Os discípulos revelaram-se dignos do Mestre.

Palavra-chave: Etnografia – Medicina – Religião – Arqueologia – Epigrafia – Sentimentos humanos – Poesia – Romanceiro

ABSTRACT

This communication's purpose is the exaltation of Doctor Leite de Vasconcelos as “Master”, superlative of professor, in the most diverse fields of knowledge. All of them mention the name of the Master's disciples who stand out as followers of Doctor Leite's scholarship.

Besides his vast knowledge, which he demonstrated in Portugal and abroad, Doctor Leite possessed an exceptional human nature. His disciples proved to be worthy of their Master.

Keywords: Ethnography – Medicine – Religion – Archaeology – Epigraphy – Human feelings – Poetry – Collection of poems and popular songs

* Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa. reitoria@universidade-autonoma.pt.

Mestre é superlativo de *Professor*, foi frase que ouvi ao Doutor Hernâni Cidade e não mais esqueci, porque tive a sorte de beneficiar do convívio de alguns – quer nas ciências históricas, quer nas filológicas – na Faculdade de Letras de Coimbra – e do magistério de outros – na Faculdade de Letras de Lisboa. E, na verdade, aí conheci professores dignos do superlativo que hoje aqui reservo para Mestre José Leite de Vasconcelos.

Fazendo uma avaliação dos pedagogos, de cuja ciência beneficiei, não tenho dúvidas em afirmar que a primazia pertence ao Doutor José Leite, um espírito excelso de professor que não se limitou a ensinar, mas prestou atenção à formação de discípulos que lhe foram fiéis. Quem, ao recordar o Mestre, cuja obra o mantém sempre vivo perante nós, obra que não receia os ataques e a incompreensão do *modernismo*, não recorda também os discípulos que formou e que se multiplicaram em tantos outros?

João da Silva Correia, malgrado professor, ornamento da sua escola, que abriu caminhos novos à filologia portuguesa, e nos deu os primeiros ensaios de psicologia da linguagem. Deve-se-lhe uma das mais autorizadas e bem fundadas biografias do Mestre, em que recorda, a par da nobreza, (sem esquecermos o trabalho de igual natureza de Moses Bensabat Amzalak), a cultura dos antepassados que teriam fomentado o gosto do futuro Mestre pelos estudos, em que foi brilhante em todos os graus, desde os primeiros anos em Medicina até ser premiado (prémio Macedo Pinto) nos estudos superiores e considerado pelo Conselho Escolar “o mais distinto dos alunos que findaram o curso no ano de 1886”.

Não se satisfazendo com o curso de Medicina, obtido na Escola Médica do Porto – curso de que se serviu durante meio ano na vila do Cadaval, onde mais

tarde estudou o castro lusitano-romano de Pragança, vai, de 1899 a 1901, frequentar na Universidade de Paris, um curso de Filologia Românica, tendo obtido plena aprovação, *nemine discrepante*, com a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, com a menção de *très honorable*. Simultaneamente frequentava outros cursos e cadeiras, nos domínios da Filologia, da Arqueologia e da História, tendo neles obtido o diploma de “aluno titular”. Vê-se assim como adquiriu bases suficientes que lhe permitiram revelar-se sábio nestas esferas do saber. E o seu gosto de aprender era acompanhado pela ânsia de ensinar, e, ao abandonar as actividades clínicas no Cadaval, vemo-lo já nas funções de conservador na Biblioteca Nacional, onde ensinou Numismática, tendo transitado para o ensino universitário, não deixando de prosseguir a sua ligação às instituições universitárias parisienses, como provam as conferências que proferiu na Escola de Altos Estudos, a convite do sábio Morel Fatio. Em 1911 ingressa na Faculdade de Letras de Lisboa, a escola que sucedeu ao Curso Superior de Letras, em boa hora criado pelo rei D. Pedro V. Ali regeu, na Secção de Filologia Clássica, Língua e Literatura Latina, donde saíram discípulos como Francisco Rebelo Gonçalves e Carlos Eugénio Corrêa da Silva (Paço d’Arcos). Transferido para a Secção de Filologia Românica, leccionou então Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Francesa, Gramática Comparativa das Línguas Românicas, não descurando o ensino de outras matérias, que tinha por ciências auxiliares da História – Arqueologia, Epigrafia e Numismática. De todas estas disciplinas deixou manuais de que nós nos viemos a servir. Antes, porém, de entrar no ensino superior, ensinou no Liceu do Carmo e em colégios particulares.

Em 1895 pôde executar uma outra grande aspiração da sua vida: a fundação do Museu Etnológico Português, onde em poucos anos recolheu milhares de peças, com o objectivo científico de servir a sua Pátria e estudar o seu Povo, sua constante e superior preocupação. Deus sabe quanto sofreu para conseguir tal objectivo! E na publicação de revistas, quantas vezes com colaboração apenas sua! Quem não admira os 30 volumes da primeira Série de *O Arqueólogo Português*, a *Revista Lusitana*, o *Anuário das Tradições Populares Portuguesas* e o *Boletim de Etnografia*, onde se formaram os mais competentes arqueólogos, filólogos e linguistas, etnógrafos, geógrafos, numismatas – que direi eu! –, que Portugal e todo o mundo culto conheceram, e que prepararam discípulos que ainda hoje nos ensinam. Eu desejaria citar aqui muitos nomes de individualidades que devem o melhor da formação científica ao Doutor Leite de Vasconcelos, mas receio omitir involuntariamente alguns. E, por isso, pelo muito respeito que todos me merecem, prefiro não nomear ninguém, ou apenas um ou outro por especial circunstância. Até porque todos os conhecem, dos mais velhos aos das jovens gerações. E os Brasileiros? Quantos formou?

Um aspecto nem sempre lembrado pelos seus biógrafos diz respeito às constantes viagens aos centros estrangeiros das especialidades que cultivava e aos contactos com os seus investigadores. Quem não recorda a tão interessante carta, em verso, que dirigiu ao grande linguista alemão Hugo Schuchardt – especialista em crioulos – quando o visitou, pela primeira vez, em 1878:

*Nascido na ribeira do Ocidente,
Das tradições da Lusitânia berdeiro,
Acharás, porventura, surp'rendente
Que eu também seja ousado caminheiro?*

Mestre reconhecido nas áreas científicas que professava, era-lhe concedida a presidência dos congressos no estrangeiro.

Curioso é registar que o Doutor Leite nunca esqueceu inteiramente a sua formação médica, e assim é vê-lo, na sua obra-prima *Religiões da Lusitânia*, o seu melhor livro, segundo o Mestre, corrigir informações erradas do naturalista de Como, Plínio-o-Velho, o grande erudito do século I-II d. C., e do árcade português Belchior Curvo Semedo, autor de uma *Tradução das Melhores Fábulas de La Fontaine* (1820), tudo sobre o valor dos amuletos. Vale a pena reproduzir palavras do Doutor Leite: “Sem dúvida muitas vezes os amuletos produzem efeitos reais. *A fé é quem nos salva nanja o pau da barca*, diz um ditado nosso, que encontrou a sua confirmação nos modernos estudos de neuropatia.”

Diz o Doutor João da Silva Correia que três amores fortes encheram a vida do Senhor Doutor Leite de Vasconcelos: o amor dos seus, família e parentes; o amor da terra-berço; o amor dos discípulos. Um exemplo:

*Nem que em todas as línguas que o homem fala
Eu pudesse, ou tentasse, dizer “mãe”,
Exprimiria, porque nada o iguala,
O terno encanto que essa ideia tem.*

Leite de Vasconcelos foi homem de apurada pena, quer em prosa, quer em verso, onde a sua sensibilidade artística se espelha abertamente. Leiam-se as *Baladas do Ocidente*. Vê-se então o cantor da Pátria, “sempre o amor da Pátria me acompanha”, na evocação da padeira de Aljubarrota, ou na flagelação do *ultimatum* inglês, que lhe inspirou um soneto sangrante e sangrento. As tradições populares foram um enlevo para o Mestre:

*Quem passou pela oliveira
E uma folha não colheu:
Diz a trova noveleira
Do seu amor se esqueceu.*

*José amo, José quero
José trago no sentido,*

E a ode à deusa lusitana Trebaruna?

*Trebaruna! Não há nos idiomas da terra
Nome de mais poesia ou de maior encanto.*

Já falámos do professor, mas nunca é de mais acentuar que a principal preocupação do Mestre era formar espíritos capazes de obra social e, sobretudo, quanta alegria tinha sempre que encontrava um aluno capaz de ultrapassar a área da repetição do que lhe fora ensinado. Nas obras, como nas aulas, fazia sugestões para trabalhos de investigação. Refiro um caso extraído da *Antroponímia Portuguesa*: “Talvez fosse curioso formar uma lista de nomes das personagens camilianas, atenta a grande quantidade que deles há nos romances de Camilo; algumas deduções se tirariam do exame dos mesmos, quanto às razões psicológicas, eufónicas, satíricas, que levaram o egrégio romancista a escolhê-los.”

Trabalho ainda por fazer, eu próprio me condeno pela falta, uma vez que, tendo sido responsável por uma edição crítica das *Obras Completas* de Camilo Castelo Branco, não soube aproveitar a oportunidade para tentar realizar a sugestão do Doutor Leite. Aqui a deixo, no entanto, lembrada, na esperança de que alguém, com suficiente maturidade linguística possa concretizar o desejo do Mestre.

Na obra de literatura amena é idêntico o carácter que impõe às obras de investigação científica, ou seja, a mesma posição de dignidade.

Como investigador foi inultrapassável. Di-lo bem a frase que inscrevera no seu gabinete de trabalho:

Nulla dies sine linea

Como numismata falam bem os trabalhos que nos legou: *Les monnaies de Lusitanie Portugaise* (apresentado no Congresso Numismático de Paris) e *Monnaies anciennes*, apresentado em 1905 ao Congresso Arqueológico de Atenas. São dele ainda os estudos respeitantes à Biblioteca Nacional – *Gabinete Numismático da*

Biblioteca Nacional de Lisboa e Inventário das Moedas Portuguesas da Biblioteca Nacional de Lisboa. Como cúpula destes trabalhos tenha-se presente o colossal volume *Da Numismática em Portugal*.

Honraram o Mestre os discípulos que o continuaram. Alguns deles, como Manuel Heleno, Raul Couvreur, João Ribeiro Parente, Mário José Gomes Marques, Luís Chaves, Pedro Batalha Reis, Felipe Mateu y Llopis, Mário de Vasconcelos Cardoso, José Maria Cordeiro de Sousa, Nestor Fatia Vital, Manuel Farinha dos Santos e Agostinho Ferreira Gambeta brilharam ou brilham na Academia Portuguesa da História.

Quando se pretende evocar a obra epigráfica do Doutor Leite são centenas as páginas que redigimos e nunca chegaremos ao fim. Colocamo-lo acima de Hübner e dos responsáveis pela elaboração do CIL, que tantas vezes recorreram ao Doutor Leite. Mas no alto dos seus trabalhos epigráficos colocaremos as magistrais *Religiões da Lusitânia*, logo seguido dos *Analecta Epigraphica Lusitano-Romana* e de toda a matéria contida nos 30 volumes do *Arqueólogo Português* (trabalhos menores em dimensão, mas dos maiores em profundidade). Foi, por assim dizer, *pater et magister* de todos os bons epigrafistas portugueses, do Norte ao Sul. Ultrapassou Hübner, Momsen, o historiador de Roma, Krüger, Vickert, Gaston Paris. Não esqueço que se lhe deve a reivindicação portuguesa das “cantigas de amigo”, relegando a posição de Jeanroy, que defendia a origem francesa de tão belos cantares medievais.

O arqueólogo e o etnógrafo é autor de uma bibliografia ilimitada, admirado pelos maiores especialistas nacionais e estrangeiros. Lembro os *Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal*, entre dezenas de outros. E o delicioso volume *De Campolide a Melrose* e as *Tradições Populares de Portugal*. Aqui sobressaiu a Obermaier, estudioso europeu de grande relevo.

Na área da Filologia cito as deliciosas *Lições de Filologia Portuguesa*, os *Estudos de Filologia Mirandesa*, a *Camoniana Mirandesa* e, como remate, a riquíssima coleção de *Opúsculos*, iniciativa grandiosa do administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, Prof. Joaquim de Carvalho. A descoberta do mirandês como língua românica independente seria, só por si, razão para colocar o Doutor Leite entre as figuras primaciais da Filologia. A este tema dedicou preciosos trabalhos, entre os quais distingo a *Camoniana Mirandesa*, que encontrou no Padre António Mourinho um estimado continuador, que abrange todas as áreas do saber, sem precedentes na história da ciência em Portugal.

Recordo, a propósito, as palavras de um dos seus mais queridos discípulos, o Prof. Rebelo Gonçalves: “Modelo de sábios, pela messe opulenta da sua cultura, o Doutor José Leite de Vasconcelos foi também e fica para sempre arquétipo de

filólogos, pela amplíssima área em que versou a ciência da linguagem.”

“Bendita, sim, e por todo o sempre louvada, a língua que ao engenho dos seus artistas juntou a sabedoria dos seus filólogos e pôde ter, entre tantos, Leite de Vasconcelos para a estudar!”

Neste domínio da Filologia não ficou aquém de D’Arbois de Jubainville, de quem muito se sentia devedor. Não esqueçamos que o Doutor Leite redigiu alguns dos seus trabalhos em latim, com a pureza de um César. Também neste aspecto foi seguido pelo seu discípulo Francisco Rebelo Gonçalves.

Não lhe permitiram as Parcas a conclusão de um sonho da sua vida: a redacção de uma *Etnografia Portuguesa*. Ainda viu provas do terceiro volume, obra monumentalíssima que veio a ser completada e impressa sob orientação de um dos seus mais dilectos discípulos: Manuel Viegas Guerreiro, com os trabalhos inéditos do Mestre que, lá onde está – por certo na mão de Deus, quem tanto trabalhou e se deu inteiramente a Portugal e ao Povo português – terá tido uma das maiores alegrias de que não pôde beneficiar em vida.

Não falámos ainda do “crítico”, implacável sempre que se lhe apresentava algum trabalho deficitário, nas matérias que eram do seu culto, qual sacerdote fiel observante da sua religião. Tomando por modelos, como ele próprio declara, Diez e Hübner, não tolerava que tais Mestres, fossem *per fas et nefas*, beliscados.

Não falei da poesia de Leite de Vasconcelos – e muito ficou por dizer.

Mas não deixarei de lembrar que, não sendo obra-prima no aspecto prático, a poesia do Doutor Leite comove-nos:

*O meu menino é de ouro,
De ouro é o meu menino;
Hei-de mandá-lo aos anjos,
Enquanto é pequenino.*

Leiam-se com o coração, e não apenas com a razão, as *Baladas do Ocidente* – as diversas odes, nas quais distingo a ode a Trebaruna.

*A um canto a mãe, mulher virtuosa e fria,
Nobres gestos e rosto venerando,
Tinba as contas na mão de vez em quando,
“Padre Nosso”, dizendo, e “Ave Maria”.*

Quando em 1958 se completou um centenário do nascimento do Sábio, uma discípula (Isabel Vilares Cepeda) por sua vez discípula de outro grande discípulo

(Luís Lindley Cintra) publicou uma bibliografia do Doutor Leite. Leiam-se ao menos os títulos dos 1243 trabalhos do Mestre. É esmagador. Assim se libertam os espíritos da “lei da Morte”.

A obra global do Doutor José Leite de Vasconcelos, se é património da ciência portuguesa, não o é menos da ciência internacional.

Benavente, 4 e 5 de Fevereiro de 2008

